



Teste de tuberculinação em caprinos (*Capra hircus*) experimentalmente sensibilizados

A partir dos resultados encontrados na avaliação do experimento, os autores propõem que, no teste cervical simples realizado em caprinos, a reação à tuberculina bovina seja considerada negativa quando apresentar um aumento menor ou igual a 1,7mm; inconclusiva - quando o aumento situar-se entre 1,8 e 3,8mm; e positiva - quando for igual ou superior a 3,9mm.

Foram estabelecidos critérios de interpretação do teste de tuberculinação aplicado ao diagnóstico da tuberculose em grupos de caprinos experimentalmente sensibilizados. Dos 30 animais utilizados, dez foram sensibilizados com *Mycobacterium avium* - amostra D4 (grupo A) e dez com *Mycobacterium bovis* - amostra NA 5 (grupo B).

Dez caprinos foram sensibilizados e constituíram o grupo controle (grupo C).

No teste cervical simples, realizado com tuberculina bovina (*M.bovis*) e lido 72 horas pós-tuberculinação (p.t.) as reações positivas foram aquelas em que houve aumento da espessura da dobra da pele igual ou superior a 3,9mm; reações inconclusivas, quando situadas entre 1,8 e 3,8mm, e negativas quando iguais ou menores que 1,7mm.

A análise dos resultados do teste cervical comparativo, realizado com *M. avium* e *M.bovis* e lido às 72 horas p.t., indicou reação positiva quando o aumento da espessura da dobra da pele induzida pela tuberculina bovina superou a reação aviária em pelo menos 2,5mm; reação inconclusiva quando a diferença entre a reação à tuberculina bovina e à tuberculina aviária ficou situada entre 1,9 e

2,4mm; e negativa quando a reação bovina ultrapassou a aviária em até 1,8mm.

Às 96 horas após a injeção da tuberculina, foi efetuada a avaliação histológica do local das reações tuberculinicas colhendo-se amostras de pele de cinco caprinos dos grupos A e B e de quatro animais do grupo controle. Os resultados confirmaram a presença, nos grupos sensibilizados, de infiltrado inflamatório, constituído, preferencialmente, por células mononucleares.

Extraído do trabalho de mesmo nome, publicado no V.36, n.3, mai-jun, 2006 da revista *Ciência Rural*, de autoria Paulo Eduardo Gomes da Silva (FMVZ-USP); Sônia Regina Ribeiro (FMVZ-USP); Marta Lizandra do Rego Leal (FMVZ-USP); Heloisa Godoi Bertagnon (FMVZ-USP); Pedro Moacyr Pinto Coelho Motta (LARA-MG); Idércio Luiz Sinhorini (FMVZ-USP); Silvio Arruda Vasconcellos (FMVZ-USP) e Fernando José Benesi (FMVZ-USP).

A importância dos acidentes ofídicos como causa de mortes em bovinos no Brasil

A revisão da literatura pertinente indica que as opiniões sobre a importância dos acidentes ofídicos, como causa de mortes em bovinos no Brasil, são divergentes no meio veterinário. Enquanto alguns acreditam que são pouco importantes, e que têm menor significado do que lhes é atribuído, outros são da opinião que esses acidentes são frequentes.

Verificou-se que só foi relatado diagnóstico fundamentado de dois casos fatais de envenenamento por *Bothrops spp* em bovinos, e de nenhum por *Crotalus spp*.

Um questionário submetido pelos autores a patologistas e clínicos veterinários que atuam em diversos estados do País, revelou apenas raros casos suspeitos de envenenamento ofídico fatal em bovinos no Brasil.

Em suas viagens de estudo e nos trabalhos de diagnóstico, os autores relatam que nunca estabeleceram o diagnóstico de morte por acidente ofídico em bovinos. Os casos tidos como envenenamento ofídico, na sua grande maioria, são apenas suposições, sem embasamento. Esses "diagnósticos", em geral, são feitos à distância dos animais que morreram, à revelia de exame clínico, necropsia e estudo histopatológico.

Importante foi a constatação de que, no Brasil, embora algumas serpentes do gênero *Bothrops* possam, teoricamente, produzir quantidades suficientes de

veneno para matar um bovino adulto, em experimentos realizados, apenas *Bothrops alternatus* foi capaz de levar à morte um dos três bovinos experimentalmente por ela picados. Esse animal tinha apenas 279 kg.

Já as serpentes do gênero *Crotalus* poderiam inocular quantidades letais de veneno para bovinos adultos. Mesmo assim, tanto para *Bothrops spp*, como para *Crotalus spp*, há que se considerar que as serpentes, em geral, só inoculam parte do veneno disponível.

Esse estudo indica que é necessário melhor investigar as mortes suspeitas de terem sido causadas por acidente ofídico em bovinos no Brasil.

O estabelecimento do diagnóstico de morte por envenenamento ofídico, porém, só é possível pela determinação precisa do quadro clínico-patológico.

Com base nos dados disponíveis e segundo a experiência dos autores, a opinião é que os acidentes ofídicos fatais em bovinos são bem menos frequentes do que se acredita, isto é, sua importância vem sendo bastante superestimada.

Resumo do trabalho de mesmo título, publicado no Volume 26, Número 2 - Abr/Jun 2006 da revista Pesquisa Veterinária Brasileira, de autoria dos pesquisadores Carlos Hubinger Tokarnia e Paulo Vargas Peixoto, do Departamento de Nutrição Animal, Instituto de Zootecnia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Associação de métodos fisioterapêuticos para o tratamento da doença metacarpiana dorsal em eqüinos

A periostite do terceiro metacarpiano acomete 70 a 80% dos cavalos de corrida em seu primeiro ano de treinamento, levando-os à claudicação e interrupção temporária do trabalho.

O objetivo do artigo consistiu em avaliar um tratamento não farmacológico e não invasivo que diminuísse o período de recuperação e de reparação tecidual.

Foram tratados 13 eqüinos Puro Sangue Inglês de corrida (24 membros torácicos), com idade entre 2 e 3 anos, acometidos por periostite do terceiro metacarpiano, e avaliados por 30 dias consecutivos.

A fisioterapia incluiu crioterapia, fototerapia, eletroterapia e fonoterapia.

O exame físico evidenciou rápida redução do grau de dor, do calor local e do grau de claudicação.

Após sete dias de tratamento, 71% dos animais não apresentavam mais sinais de claudicação.

Os exames radiográfico e ultra-sonográfico permitiram analisar a reparação tecidual. Os resultados mostraram os efeitos analgésico e antiinflamatório dos recursos utilizados, permitindo a manutenção do exercício e o retorno rápido ao treinamento, além do reparo tecidual.

O protocolo terapêutico proposto favorece sua aplicação em medicina eqüina.

Trabalho publicado no V.36, n.3, mai-ju, 2006 da revista Ciência Rural, de autoria dos pesquisadores Simone Isler Ferraz Bravo Caldeira; José Roberto Cintra do Prado-Filho e Raquel Yvonne Arantes Baccarin (FMVZ, USP).

Sarcoma pós-vacinal felino: um alerta

A vacinação contra diversas doenças infecciosas tem sido rotina na clínica veterinária em todo o mundo, espelhando um avanço no controle de doenças infecciosas que se configuram em agravos à saúde animal e, em alguns casos, à saúde humana. Porém, principalmente em gatos, injeções intramusculares ou subcutâneas podem resultar em reações inflamatórias granulomatosas, que podem evoluir para sarcomas.

O desenvolvimento de sarcomas tem sido frequentemente associado às vacinas utilizadas na clínica de pequenos animais. De forma geral, os sarcomas

relatados são agressivos e invasivos, e apresentam alta taxa de recorrência após procedimentos cirúrgicos. São, ainda, pouco responsivos à quimioterapia e à radioterapia.

Até a atualidade, não há tratamento eficaz contra os sarcomas pós-vacinais e, portanto, seu prognóstico é desfavorável, tornando imperativa a prevenção e o esclarecimento aos proprietários.

Extraída de matéria sob o mesmo título, publicada no nº 66, janeiro/fevereiro, 2007 da revista Clínica Veterinária, de autoria das Médicas Veterinárias Letícia Mattos de Souza-Dantas e Norma Labarthe, da UFF.



Excisão de tumoração localizada no hemitórax lateral esquerdo de um gato doméstico, diagnosticada como fibrossarcoma

Distribuição espacial da ventilação negativa em aviário climatizado

Verifica-se em aviários climatizados zonas mortas onde há maior mortalidade de aves. Neste trabalho é avaliada a distribuição espacial da ventilação negativa em aviário climatizado.

Pode-se definir ambiente interno recomendado como aquele ambiente que permite o equilíbrio e a harmonia entre a termodinâmica e velocidade do ar a uma quantidade de ar com condições ótimas de salubridade para os trabalhadores e iguais condições para as aves alojadas.

Dentro desta busca de harmonia, tanto do ponto de vista do ambiente como de produção, verifica-se condições de bem-estar que garantem às aves disponibilização de ventilação adequada.

A ventilação mínima para fins higiênicos é de 0,047 m³/min/ave. No entanto, os exaustores são dimensionados para possibilitar a renovação de ar do aviário a cada minuto e à velocidade de 2 a 2,5m/s. A eficiência desse processo de exaustão depende de uma boa vedação do aviário, evitando perdas de ar.

Verifica-se em aviários climatizados zonas mortas onde há maior mortalidade de aves.

Oito estágios

A automação do sistema de climatização, compreendido de sistema de ventilação negativa e placa evaporativa, era composta de oito estágios de programação sendo que, os exaustores eram acionados a partir do estágio 4 com as cortinas laterais fechadas, assim definidos: estágio 4 - dois exaustores; estágio 5 - quatro exaustores; estágio 6 - seis exaustores; estágio 7 - oito exaustores e estágio 8 - dez exaustores, todos com acionamento da placa evaporativa.

Os estágios foram acionados manualmente e as medidas tomadas após a estabilização do programa. As medidas de cada estágio foram realizadas três vezes ao dia, durante uma semana.

Comportamento irregular

A velocidade do ar no aviário apresentou um crescimento linear em relação aos estágios, ou seja, na medida em que aumentou o número de exaustores, a velocidade do ar também se elevou. No entanto, uma análise dos pontos de observação dentro de cada estágio, revelou um comportamento irregular da velocidade do ar, indicador de outras fontes, como: frestas existentes, diferenças de pressão e ventilação natural.

Matéria extraída de trabalho sob o mesmo título publicada na edição 1152 da revista *Avicultura Industrial*, de autoria do pesquisador P.G. Abreu da Embrapa/Suínos e Aves, Concórdia (SC).

Aspectos clínicos e patogênicos da intoxicação por abamectina em bezerros

A ocorrência de diversos surtos, totalizando pelo menos 57 mortes em apenas quatro anos, relatados somente por três serviços de diagnóstico contatados, indica que a intoxicação por abamectina seja freqüente e que, provavelmente, o número de casos de intoxicação iatrogênica vem sendo subestimado, visto que os sinais podem ser leves, transitórios e que muitos animais apresentam rápida recuperação.

Durante a vermifugação, os erros não são incomuns e podem ocorrer intoxicações quando as doses são "estimadas" ou mesmo "padronizadas", para facilitar o manejo de animais de diferentes pesos pertencentes a um mesmo lote ou rebanho; assim, quando não são respeitadas as restrições referentes aos animais mais sensíveis, qualquer animal, em tese, pode se intoxicar pelas avermectinas.

Os autores estudaram os aspectos clínico-patológicos e patogênicos verificados após a administração experimental subcutânea de diferentes doses de abamectina em nove bezerros. Também são apresentados os dados clínico-patológicos sobre a ocorrência de intoxicação iatrogênica por essa droga que resultou em 74 mortes em bovinos nos estados do Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Paraíba e Mato Grosso do Sul.

No presente estudo, dos nove bezerros submetidos à administração experimental, cinco morreram (quatro que receberam doses únicas de 6-10 vezes superior à recomendada e um que recebeu, diariamente, a dose terapêutica durante 11 dias).

A intoxicação por abamectina induz a disfunções neurológicas caracterizadas por uma fase inicial de hiper-excitabilidade, seguida por hipotonia muscular generalizada e depressão progressiva.

Nenhuma alteração macroscópica ou microscópica foi observada no sistema nervoso central ou em qualquer outro órgão.

Conclui-se que a abamectina é um medicamento que deve ser utilizado com restrições, pois há risco de morte quando utilizado em bezerros jovens, até mesmo na dose terapêutica.

Extraído de matéria, sob o mesmo título, publicada no Volume 26, Número 3 jul / set, 2006 da revista *Pesquisa Veterinária Brasileira*, de autoria dos pesquisadores Josilene N. Seixas; Paulo V. Peixoto; Flávia F. Jabour; Marilene F. Brito, da UFRRJ e Aníbal G. Armíen, da Universidade de Wisconsin (Estados Unidos).



Características de reprodução, peso ao nascer e mortalidade da caprinos Anglo-nubianos, no município do Rio de Janeiro: fatores que afetam o período de gestação, fertilidade e prolificidade

O reconhecimento precoce da prenhez é de considerável interesse econômico, pois permite reduzir o intervalo de partos, o desgaste de reprodutores e de rufiões; permite o diagnóstico de infertilidade ou subfertilidade bem como viabiliza o arraçamento econômico de cabras gestantes

O estudo teve por objetivo avaliar o desempenho reprodutivo de um rebanho de caprinos da raça Anglo-Nubiana, criados em regime semi-intensivo.

A duração média do período de gestação das cabras foi de 148,6 dias.

Foram verificados intervalos de 141 a 155 dias para a duração da gestação, com uma maior concentração (65,8%) de partos entre 146 e 150 dias.

O período de gestação foi influenciado significativamente pelo tipo de parição ($P < 0,01$), e pelo ano, época e ordem de parição ($P < 0,05$).

Constatou-se a existência de uma relação inversa entre o número de crias e a duração da gestação.

As partições ocorreram, na sua maioria, no período entre os meses de julho e outubro (88,5%), revelando, assim, que o sistema de criação não interferiu na

parição sazonal dos caprinos mantidos na região Centro-Sul do Brasil.

A taxa de fertilidade foi de 80,4%. A taxa de gêmeidade e o índice de prolificidade foram de 52,3% e 1,66 cabras paridas, respectivamente.

A taxa de fertilidade das cabras foi influenciada significativamente ($P < 0,05$) pelo ano e época de cobertura.

O índice de prolificidade das matrizes foi influenciado significativamente pela época e ordem de parição ($P < 0,01$) e para o ano de parição ($P < 0,05$).

O método diferencial de Weiberg mostrou que a proporção de partições gêmeares de origem monozigótica foi de 3,1%.

Matéria extraída de artigo com o mesmo título publicado no Volume 3 - Número 1 - janeiro/abril, 2006 da Revista Brasileira de Ciência Veterinária, de autoria de Luís Fernando Dias Medeiros (UFRRJ); Débora Helena Vieira (consultora técnica da área de produção animal); Victor Cruz Rodrigues (UFRRJ); Celso Guimarães Barbosa (UFRRJ); e Paulo Oldemar Scherer (UFRRJ).

Gengivite /estomatite linfocítico-plasmocitária em gatos

A gengivite/estomatite linfocítico-plasmocitária felina (GELPF) é uma doença inflamatória severa da cavidade oral, de etiologia desconhecida, de evolução crônica e de difícil tratamento. A GELPF caracteriza-se por lesões hiperêmicas, proliferativas e ulcerativas localizadas preferencialmente na região dos arcos glossopalatinos (fauces), porém pode se estender para diferentes locais da cavidade oral.

O principal achado histopatológico da GELPF é o infiltrado inflamatório com predomínio de linfócitos e plasmócitos.

A doença pode ser controlada pelo tratamento periodontal associado ao controle da placa bacteriana, extrações dentárias, antibioticoterapia e/ou imunossupressão.

O trabalho descreve quatro casos dessa condição e discute a sua etiopatogenia e as medidas terapêuticas empregadas no controle da doença.

Resumo do trabalho Gengivite/estomatite linfocítico-plasmocitária em gatos - relato de quatro casos, de autoria dos médicos veterinários Paulo Renato dos Santos Costa; Lissandro Gonçalves Conceição, Mauro Pires Moraes, Alexandre Couto Tsiomis, Tatiana Schmitz Duarte, Rubens Fabiano Soares Prado, Lindomar José Pena, Priscila Rochele Barrios e da bioquímica Darlene Aparecida Pena, todos da UFV; publicado no nº 66 janeiro/fevereiro, 2007, da revista Clínica Veterinária (www.revistaclinica veterinaria.com.br).



Lesões hiperêmicas e proliferativas sobre a mucosa das pregas glossopalatinas e fauces



Mucosa oral da região das fauces e da gengiva com hiperemia e proliferação tecidual em associação com doença periodontal



Lesões hiperêmicas e proliferativas sobre a mucosa do arco glossopalatino (fauces)



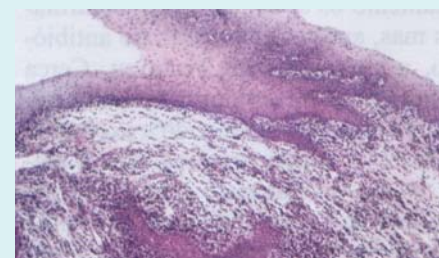
Mucosa da região das fauces hiperêmica, hemorrágica e friável



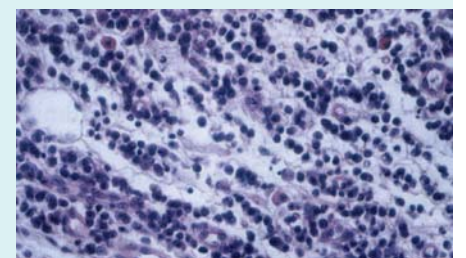
Lesões hiperêmicas, nodulares e proliferativas sobre a mucosa do arco glossopalatino (fauces)



Resolução das lesões após um ano da exodontia distal aos caninos. Comparar com a figura 5, que mostra o animal antes do tratamento



Fotomicrografia mostrando hiperplasia epidérmica, edema e infiltrado inflamatório da mucosa oral.



Fotomicrografia mostrando infiltrado inflamatório com predomínio de plasmócitos, linfócitos e alguns neutrófilos.